

Há um novo espírito capitalista na conduta de vida dos executivos brasileiros? Análise da orientação da ação à partir da reconstrução do padrão coletivo de interpretação social

Elizângela Valarini¹

Markus Pohlmann²

Texto recebido em / Text submitted on: 02/09/2016

Texto aprovado em / Text approved on: 15/11/2016

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar o estabelecimento de um ethos capitalista neoliberal na conduta de vida »*Lebensführung*« dos grandes executivos e empresários industriais brasileiros. A constituição de um novo espírito se daria em razão do processo de globalização e expansão do modelo capitalista financeiro anglo-americano. A emergência de um novo espírito capitalista é tratada nesta pesquisa como uma questão empírica, sendo esta investigada através da análise do padrão coletivo de interpretação dos executivos e empresários brasileiros. O design metodológico desta pesquisa está baseado no programa heurístico de Max Weber sobre o desenvolvimento do capitalismo moderno, tendo como foco seus mecanismos de reprodução. Tanto o método analítico, quanto seu arcabouço teórico está baseado nas teorias de Alfred Schütz e de Peter Berger e Thomas Luckmann. Para a investigação da orientação da elite econômica brasileira foram realizadas 32 entrevistas com Presidentes, Diretores Executivos e Empresários das 100 maiores indústrias do Brasil.

Palavras chaves

Executivos brasileiros, novo espírito capitalista, conduta de vida neoliberal, orientação da ação, empreendedor de si mesmo, princípios mercadológicos.

Abstract

This article aims to investigate the establishment of a neoliberal spirit of capitalism in the life conduct »*Lebensführung*« of top executives and owners of the largest industrial companies in Brazil. The establishment of a new capitalistic spirit would be a consequence of the globalization process and expansion of the Anglo-American model of financial capitalism. The emerging of a new ethos of capitalism is considerate in this paper as an empirical question, which is investigated by the analysis of collective mindsets of Brazilian top managers and entrepreneurs. The research design of this study is based on the heuristic research program of Max Weber about the development of the modern and rational capitalism while focusing on his mechanism of reproduction. Both the analytical method, ant its theoretical framework are based on the theories of Alfred Schütz, Peter Berger and Thomas Luckmann. For the investigation of the collective mindsets of the Brazilian economic elite we carried out 32 interviews with presidents, CEOs and Entrepreneurs of the 100 largest companies in Brazil.

Keywords

Brazilian Executives, new spirit of capitalism, neoliberal life conduct, collective mindsets, Entrepreneurial Self, market principles

¹Elizângela Valarini é pós-doutoranda e pesquisadora no Instituto de Sociologia Max Weber da Universidade de Heidelberg (elizangela.valarini-seiss@soziologie.uni-heidelberg.de).

² Markus Pohlmann é Professor de Sociologia no Instituto Max Weber da Universidade de Heidelberg, Alemanha (markus.pohlmann@soziologie.uni-heidelberg.de).

1 Introdução

A expressão "espírito do capitalismo" aparece muitas vezes no discurso acadêmico atual como um código, cujo emprego cognitivo simbólico remete indiscriminadamente a diferentes associações, podendo conduzir a um debate, cuja base está pautada em evidências e especulações. No âmbito deste artigo a expressão "espírito do capitalismo", assim como seu conceito teórico, é utilizada com base nos trabalhos de Max Weber, o qual desenvolveu cautelosamente tanto o termo, quando o construto teórico que desenvolve em sua obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" (visão crítica STEINERT, 2010). Encontrar outra expressão que possa substituir o uso do termo "espírito" não é um trabalho tão simples, mesmo que o discurso atual a respeito do espírito capitalista se apresente obsoleto e, sobretudo com significado acentuado e mantido do século XIX. Nem mesmo a expressão "cultura capitalista" consegue eliminar tais problemas, trazendo ainda consigo dificuldades adicionais. O mesmo problema pode ser observado na utilização do termo "ideologia" para substituir o uso da expressão "espírito". O uso do conceito de ideologia gera em muitos casos associações obsoletas, além de estar preso a conteúdos justificativos.

Frente a um contexto acadêmico, em que faltam alternativas simples para substituir a expressão "espírito capitalista", se torna ainda mais necessário esclarecer exatamente o uso e as delimitações, assim como o contexto em que se emprega esta expressão. Sendo assim, questões como: De que forma se manifesta o "espírito capitalista" nos dias de hoje? Quem são seus portadores e de quais tarefas eles se encarregam frente ao capitalismo moderno? Rementem muito mais a um tratamento empírico do que à indagações teóricas. Com base nesta conceituação teórica e indagações empíricas, o presente artigo tem como objetivo investigar de forma empírica, de que forma se manifesta o "espírito capitalista" dos grandes empresários e executivos brasileiros nos dias de hoje.

Como ponto de partida tomamos o debate acadêmico atual a respeito das transformações capitalistas de cunho neoliberal, sofridas pelas organizações empresariais e seus agentes econômicos³. Este discurso acadêmico parte do princípio de que com o processo de globalização e conseqüentemente internacionalização das

³ Gerentes e Diretores Executivos, Presidentes empresariais, e trabalhadores em organizações econômicas de forma geral. Todos aqueles que se submetem de alguma forma ou motivo às condições e imposições do sistema capitalista moderno.

empresas e seus líderes, assim como com o avanço do capitalismo financeiro, novos modelos de estrutura e gestão empresarial com foco em princípios mercadológicos são difundidos e adotados. As mudanças com relação à forma de compreender e pensar a empresa e sua gestão está associada à uma nova forma de conceber o sujeito nela inserido e o seu papel dentro da organização. Os princípios mercadológicos não permaneceriam, neste sentido, ligados somente ao papel de executivo, trabalhador, empresário, mas sim assumiriam uma condição dominante em todas as esferas da vida, tornando-se um imperativo da conduta e estilo de vida destes atores econômicos e sociais, disseminando por assim dizer, os princípios mercadológicos a serem seguidos. Baseados neste atual debate, levantamos no âmbito deste artigo, a seguinte questão: Diante do contexto de globalização e expansão do sistema capitalista financeiro teria o espírito capitalista no Brasil uma roupagem neoliberal? Caso a resposta seja afirmativa, de que forma se manifestaria este novo espírito na conduta de vida dos empresários e executivos brasileiros?

Respostas para as indagações acima serão trabalhadas ao longo deste artigo por meio da análise do padrão coletivo de interpretação social do grupo estudado. Para tanto, a estrutura de argumentação deste trabalho está organizada da seguinte forma. Primeiramente discutiremos sobre a perspectiva clássica de Max Weber e sua concepção a respeito do espírito do capitalismo (segunda seção), assim como os pontos positivos em se utilizar o programa heurístico de Max Weber e seu conceito de “espírito do capitalismo” em pesquisas empíricas. Em seguida (terceira seção) apresentaremos considerações sobre o desenvolvimento do “espírito” capitalista no Brasil utilizando uma releitura de Weber e dos princípios que orientam a conduta de vida do modelo “tipo ideal brasileiro”, fruto de colonização ibérica. Ainda na terceira seção discutiremos a respeito das principais pesquisas sobre o “novo espírito capitalista”, as quais nos oferecem, no âmbito desta pesquisa, indicadores concretos de busca para as investigações de tais mudanças.

Na quarta seção apresentaremos o programa da pesquisa, baseada no modelo heurístico de Max Weber, assim como o arcabouço teórico com base nas teorias de Alfred Schütz e Peter Berger e Thomas Luckmann e a metodologia orientadora deste trabalho. Para a análise da formação de significado do horizonte interpretativo presente na sociedade brasileira e que orienta a ação dos executivos e empresários estudados utilizaremos o método qualitativo de pesquisa social chamado: Análise do padrão coletivo de

interpretação social, no idioma alemão conhecido como »*Deutungsmusteranalyse*« e traduzido para o inglês como »*Analysis of collective mindsets*«. Nas duas últimas seções apresentaremos e discutiremos os resultados a partir da análise de trinta e duas entrevistas realizadas com executivos e empresários das cem maiores indústrias brasileiras.

2 O espírito do capitalismo na perspectiva clássica de Max Weber

Max Weber introduz, na sociologia clássica, a perspectiva do “espírito capitalista” em um contexto temático discutido nos trabalhos de Sombart e Troeltsch. Para toda referência relacionada à concepção de Max Weber sobre o espírito capitalista, é necessário que se tenha em mente, que o seu conceito histórico não pode ser facilmente transferido para a atualidade (POHLMANN, 2002; 2005). Um dos motivos para isso é que Max Weber teve como ponto de partida em sua obra a singularidade de uma relação histórica entre uma ética protestante do espírito capitalista e a origem do capitalismo.

Diante disso, a concepção de uma pesquisa com base no arcabouço teórico de Max Weber, como a deste trabalho, deve considerar que esta elege o resultado histórico da pesquisa de Max Weber como o ponto de partida para sua estratégia de investigação num contexto atual, tendo esta como objetivo, não simplesmente, presumir uma dada continuidade histórica dos princípios centrais capitalistas, mas acima de tudo investigá-los de maneira empírica. Esta seria a principal questão hoje colocada para a sociologia, em outras palavras, a investigação empírica de como a construção subjetiva do capitalismo moderno se manifesta nos dias de hoje e como esta tem sofrido transformações ao longo do tempo. Além da referência à Max Weber como ponto de partida histórico de investigação e utilização de modelo comparativo, é necessário discutir ainda o quanto sua concepção teórica e seu modelo de pesquisa são ainda hoje instrutivos para as análises do capitalismo atual.

Para isso devemos fazer um breve resgate da essência da argumentação weberiana sobre a origem do capitalismo moderno racional. Max Weber descreve pormenorizadamente em 1909, em sua obra sobre as relações agrárias na antiguidade, como os princípios econômicos em uma economia medieval, Feudal⁴, de Estado e Igreja transformam-se posteriormente na base da prospecção econômica do capitalismo moderno racional. No entanto, os princípios econômicos precisaram primeiramente, ser

4 O termo Feudal, ou ainda “Estado feudal” foi traduzido do original »*Lehensstaat*« na obra de Max Weber: Economia e Sociedade Volume II, por Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa (Editora UnB, p 345).

praticados na vida diária, de forma a garantir a sua adaptação e darem impulso ao desenvolvimento do capitalismo protestante. Sendo assim, a ética profissional capitalista, uma vez originada do batismo e com ele instituída, se transforma em uma máxima de ação carregada de significado cultural, indispensável para o capitalismo, como fenômeno de massa, consolidar-se como sistema. No processo de transformação de uma forma capitalista instalada pontualmente, em um sistema capitalista racional moderno, a ética protestante, teve para Max Weber uma função decisiva, como uma função impulsionadora »*Push-Funktion*«. Segundo Wolfgang Schluchter o protestantismo ascético mantém a *“cidade autônoma de produtores⁵ da idade média, como uma sociedade de confissão religiosa de indivíduos crentes, e nesta, com o surgimento da Burguesia, os seus portadores⁶ (SCHLUCHTER, 1980, p. 98, tradução nossa).*

Contra a *“tese doutrinária insensata, (...) de que o ‘espírito capitalista’ (...) somente poderia surgir como resultado da influencia da Reforma, ou ainda: que o capitalismo como sistema econômico seria um produto da Reforma”*, afirma Max Weber que, *“certas formas de atividades empresariais importantes são notoriamente mais antigas que a própria Reforma”* (WEBER-PI, 1920, P. 77, tradução nossa). Sendo assim, o surgimento da forma, da pré-forma do capitalismo moderno e do grupo social, o qual se torna mais tarde o seu grupo portador e dinamizador, é, portanto, muito mais remoto que o seu próprio “espírito” (SCHLUCHTER, 1996, p. 190). O capitalismo moderno produz, portanto a ética que ele necessita através dos mecanismos de concorrência e seleção, adaptação e socialização e difusão de suas próprias ideias.

Como foco da argumentação weberiana relacionada aos novos princípios econômicos se encontra – também de forma semelhante em Sombart – uma forma de valorização racional do capital, a qual se diferencia de outras formas e princípios capitalistas existentes. Para Max Weber existem, portanto, diferentes “espíritos” do capitalismo como o espírito do capitalismo aventureiro, do capitalismo político, a ação orientada para um capitalismo de guerras, do capitalismo orientado para a especulação e o mercado financeiro. Todas estas orientações capitalistas sempre existiram e supostamente continuarão a existir enquanto o capitalismo, em si, existir. Mesmo o

5 O termo “Cidade de produtores” é descrito no alemão por »*Produzentenstadt*«. Este termo encontra-se na língua portuguesa, na tradução da obra de Max Weber: Economia e Sociedade Volume II, por Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa (Editora UnB, p.408).

6 O termo “portadores”, no original alemão »*Träger*« trata-se do grupo profissional burguês que portam e carregam o espírito do capitalismo. A utilização do termo em português foi sugerida por Flavio Perucci na tradução e revisão da obra de Max Weber: A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (Editora Companhia das Letras, p. 23).

empresário capitalista mais comum, o qual aspira obter lucro por meio de trocas econômicas, já podia ser encontrado na maioria das culturas em todos os tempos. Esta forma de valorização racional do capital também pode ser observada na esfera das organizações econômicas, como forma racional capitalista de organização do trabalho, a qual segundo Max Weber se tornou um poder dominante de orientação da ação econômica (ver POHLMANN, 2002).

Com relação à conduta de vida, a forma racional de valorização do capital está fortemente ligada a uma afirmativa frente à ambição do ganho, o qual se torna um objetivo em si mesmo, não estando subordinado a interesses e formas de satisfação pessoal e busca do prazer. A valorização do capital é marcada pelo dever moral, constante, que segundo Max Weber, não pode ser compreendido historicamente como um aspecto natural da conduta de vida. Sendo assim, a aquisição de bens e riquezas tem uma função especial, ela serve como sinal de proficiência pessoal, sinal de provação, conquista e sucesso na vida. Para que houvesse uma mudança subjetiva com relação ao sentido do trabalho e ao acúmulo de riquezas, foi necessário que o homem ocidental, e em especial o burguês ocidental, tivesse sido educado de uma maneira específica de conduzir sua vida, e nesta pode aprender a compreender e assimilar o dever moral que o trabalho racional e metódico carrega em si. Segundo Max Weber, a conduta de vida metódica e racional continua ainda hoje existindo na figura do empresário moderno, para o qual, o trabalho compreendido como dever moral e representado pelo o seu negócio, consiste no meio e objetivo de si mesmo (WEBER, 1926, p. 354).

Contudo as disposições de Max Weber – desenvolvidas em um contexto histórico e não sistemático – levaram a construção de um “indivíduo histórico”, ou seja, de uma formação conceitual histórica. *“Se tanto um objeto possa ser encontrado, para o qual se possa atribuir qualquer espécie de sentido, este só pode tratar-se de um ‘sujeito histórico’, portanto de um complexo de relações em uma realidade histórica, que sob esse ponto de vista pode ser associado em seu significado ao conceito de cultura. Tal conceito histórico não pode ser definido de acordo com o modelo: »genus proximum, differentia specifica«, uma vez que ele está, com suas características individuais, relacionado a um fenômeno de maior relevância, mas sim, tem que ser composto gradativamente em suas partes independentes, integrantes da realidade histórica”* (WEBER-RS, Bd. 1, p. 30, tradução nossa).

O conceito de indivíduo-histórico em Max Weber deixa evidente, que o espírito capitalista consiste em uma resposta diante de uma experiência de crise econômica vivida, de um avanço revolucionário de novos princípios. Isto nos sugere questionar o quanto a nova formação subjetiva do espírito capitalista atual, também estaria representando uma reação frente a uma crise e conseqüentemente frente à problemas práticos colocados atualmente aos agentes econômicos e sociais. Certamente isto consiste no elemento estratégico de pesquisa para a investigação de um novo espírito capitalista.

Sendo assim, fica em primeiro lugar evidente, qual película histórica nos oferece Max Weber nos dias de hoje para a análise do espírito capitalista, a qual permite identificar tanto semelhanças quanto diferenças. Em segundo lugar, Weber nos fornece somente os critérios de busca para a investigação da formação subjetiva atual do espírito capitalista, os quais não permitem simplesmente uma transferência de elementos históricos relacionados à ética protestante para o contexto atual, como observado em alguns trabalhos (POHLMANN, 2002; 2005; 2008). Portanto, a análise das transformações capitalistas trata-se de uma questão empírica, na qual o contexto histórico-cultural, no qual são presentes a cadeia de significados cognitivos e valores atribuídos ao capitalismo, deve ser permanentemente reconstruído. De forma geral Max Weber oferece no presente, a partir de sua obra clássica, uma perspectiva positiva e instrutiva de pesquisa, cujas características podem ser aqui resumidas:

1. As definições conceituais do espírito capitalista fornecem critérios de busca importantes, quando questionamos a respeito de sua continuidade.
2. O arcabouço teórico de seu programa de pesquisa é hoje instrutiva, desde que não precisamos nos limitar a uma análise da dimensão da ação racional por fins, mas sim possamos integrar a perspectiva da ação racional com relações a valor e de hábitos construídos (abordagem multidimensional).
3. Com a integração das esferas econômica, organizacional e individual (grupo portador do espírito) sua perspectiva clássica permite analisar diferentes dimensões, nas quais o espírito capitalista encontra-se ancorado (abordagem multidimensional).
4. Mesmo que esta se restrinja, por um lado, à uma relação causal, exige ao mesmo tempo, que o “outro lado” da relação seja integrado na análise.

5. Hoje podemos retomar às diferenças entre forma, espírito objetivo e subjetivo, e de maneira reformulada nos concentrarmos na investigação das regras de interpretação e de ação, assim como na análise do discurso teórico e prático. Portanto, seguindo os passos de Max Weber, não se trata de uma análise dedutiva, mas sim da análise empírica da disposição e formação subjetivas do espírito capitalista em sua própria lógica, sendo esta impossível de ser teoricamente deduzida, uma vez que ela se permite somente ser explorada.

Os pontos acima mostram o quanto a perspectiva weberiana da teoria da ação deve ser complementada através de uma perspectiva teórica com base na sociologia do conhecimento e nas teorias institucionais. Ambas correntes teóricas se encaixam em seu construto, pois operam com uma mesma prospecção teórica, a qual transforma um “espírito subjetivo” em um “estoque de conhecimento social coletivo” e investiga as “regras de interpretação e de ação coletivas” legítimas em um determinado grupo ou sociedade. Diante de construto teórico como este, compreendemos, assim também como Max Weber, que as regras cognitivas e normativas orientadoras da ação, devem primeiramente ser socialmente reconhecidas e para se alcançar validade coletiva, com o objetivo de que não haja mais a necessidade de que seu significado original ou sua base histórica sejam justificados. Compreendemos assim, que quanto mais as regras de interpretação e de ação estiverem institucionalizadas no contexto social, tão menos serão estas questionadas em relação ao seu significado e ao seu uso, portanto se encontrarão fortemente habitualizadas.

3 O estado da arte – do Homem Codial ao Empreendedor de si mesmo

A releitura da teoria weberiana a respeito do desenvolvimento histórico do capitalismo moderno racional no contexto brasileiro traz com frequência discussões a cerca de um desenvolvimento tardio, como consequência de uma colonização ibérica, com a qual justamente faltou a constituição do componente ascético da ética protestante no desenvolvimento capitalista brasileiro (SOUZA, 1998; SANTOS, 1999). O contexto dicotômico da colonização brasileira – que por um lado impunha um sistema de produção escrava, e por outro lado tinha-se o papel da igreja que disseminava elementos contrários a escravidão, mas mantinha-se aliada ao Estado para poder prosseguir com seu projeto de evangelização – se consistiu na base de desenvolvimento de um sistema simbólico, e posteriormente de um racionalismo simbólico (ibidem). Nesse sentido, a predominância de elementos simbólicos contraditórios entre si – coexistência entre

escravidão e a religião – além da própria condição social intolerável de escravidão contribuíram significativamente para que se desenvolvesse um racionalismo mágico (SANTOS, 1999), ao invés do racionalismo ascético, como foi desenvolvido em alguns povos europeus, e nos Estados Unidos da América (SOUZA, 1998).

A supremacia política da Corte e do Estado sobre todas as esferas sociais é na literatura acadêmica considerada como o alicerce do desenvolvimento tardio da própria individualidade, uma vez que elementos coletivos se sobrepunham em todas as esferas sociais, assim como a existência de uma hierarquia de poder clara e definida. Sendo assim, neste contexto social-histórico, no qual somente ao patriarca, ao chefe do clã, ao dono dos escravos, etc. era atribuída a competência e o poder de decisão. Portanto, todas as decisões a respeito das necessidades, da família, dos escravos, do grupo, etc., eram tomadas e definidas pelo “soberano”, sem que o grupo nelas fosse incluído. Diante da predominância do senso coletivo, por um lado, o qual sobrepõe todo o tipo de manifestação individual, e por outro lado, de uma estrutura social fortemente hierarquizada, desenvolveu-se uma figura peculiar do portador do espírito capitalista brasileiro.

Sendo assim, é diante desta situação específica estrutural e subjetiva que emerge a figura do “Homem Cordial”, retratado por Sergio Buarque de Holanda (1995), e mais tarde trabalhada na figura do „Mazombo“ de Viana Moog (1993). Ambas aparecem como tipos ideais do homem histórico brasileiro, destacando características desenvolvidas na época colonial, mas que alguns de seus elementos cognitivos fariam parte até o presente do horizonte subjetivo do capitalista brasileiro (SOUZA, 2007), ou em outras palavras retratariam aspectos encontrados na cultura brasileira. O tipo ideal reconstruído na literatura acadêmica brasileira através das duas figuras do Homem Cordial e do Mazombo correspondem basicamente a uma antítese do tipo ideal weberiano, portador da ética protestante: o “Homem Profissão” (WEBER, 1920).

Em comparação com o tipo ideal weberiano, tanto no Homem Cordial quanto no “Mazombo” não se constituiu a internalização do elemento ascético protestante da ética do trabalho. Devido à situação peculiar de colonização brasileira, destacaram-se outros elementos, outros componentes do espírito, e não os do protestantismo ascético, os quais foram selecionados, assimilados e socializados no ambiente brasileiro. Tais elementos acentuavam características relacionadas ao ganho imediato, à busca do prazer, assim como ao cultivo de bons relacionamentos pessoais e etc. (SOUZA, 1998;

SOUZA, 2007). Para a antítese do Homem Profissão, elementos relacionados ao trabalho metódico e ascético, o papel da profissão e do trabalho como um dever pessoal permanecem supostamente no plano de fundo.

Deixando o contexto brasileiro e resgatando o debate atual a respeito das transformações do espírito capitalista, nos deparamos com os pressupostos de que este, no decurso da globalização e expansão do capitalismo financeiro teria “perdido” o seu componente racional ascético, ganhando assim uma nova roupagem, uma racionalidade neoliberal (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2009). Dessa forma, os princípios que orientam a ação econômica e administrativa de seus portadores, assim como os princípios da conduta de vida – historicamente marcados por um desenvolvimento contínuo, representados pela figura do Homem Profissão – seriam agora regidos por uma nova governamentalidade neoliberal (FOUCAULT, 2008).

Os trabalhos de Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009) e Ulrich Bröckling (2007) são considerados neste debate como os principais e de maior influência nas atuais pesquisas empíricas sobre o “novo espírito do capitalismo”. Assim como o trabalho do alemão Christian Schmidt-Wellenburg (2009), eles se distinguem uma lógica própria de pesquisa e seu problema de estudo. Seu foco está na investigação das transformações do espírito capitalista, que por um lado seria difundido no discurso medial, como na literatura popular administrativa, fontes “pseudocientíficas”, etc., e por outro lado, seriam assimilados elementos deste discurso pelos atores econômicos e sociais. Um dos problemas centrais observado nestes estudos é a dedução feita do processo de assimilação do novo espírito, a partir dos modelos de interpretação social a disposição na literatura administrativa, com isso, como se existisse um novo espírito neoliberal “pairando” sobre a sociedade em geral (DEUTSCHMANN, 2006). Ao invés da dedução, para se afirmar a constituição de um novo espírito, é necessário que o processo de assimilação seja empiricamente reconstruído, a partir de métodos de pesquisa social. Mesmo assim, que a relação entre “espírito” e discurso disseminado na literatura popular seja imprecisa, esses estudos são atualmente muito relevantes, pois eles contribuem na geração de uma dimensão heurística, relacionada à forma neoliberal de conduta de vida dos atores econômicos (BRÖCKLING, 2007; SCHMIDT-WELLENBURG, 2009) e no âmbito deste artigo, eles nos fornecem os indicadores concretos de investigação da suposta conduta de vida neoliberal.

Ulrich Bröckling (2007) discute em seus trabalhos a figura do “empreendedor de si mesmo”⁷. Este não corresponderia um tipo ideal, mas sim à uma perspectiva de ponto de fuga⁸ em direção da qual os agentes sociais e econômicos são conduzidos pelas novas “tecnologias” neoliberais⁹ do próprio eu (BRÖCKLING, 2002). Não se trata para este autor da simples orientação liberal da ação para o mercado, mas sim de uma permanente estimulação e ao mesmo tempo controle do indivíduo por princípios mercadológicos, os quais se manifestariam através da conduta de vida neoliberal por meio da obrigação de um constante “aperfeiçoamento de si mesmo”. Como modo de subjetivação, este imperativo se dirige para o próprio indivíduo, o concebendo como um empreendedor soberano de si (BRÖCKLING, 2010). Diante dele, o empreendedor de si mesmo, deve ser, portanto o mais inovador, criativo, enfim, o melhor de todos (ibidem). Para Bröckling, para o “empreendedor de si mesmo”, “tão pouco existe uma fuga, tão pouco existe um ponto de chegada” (BRÖCKLING, 2016, p. 384, tradução nossa), para ele só existe um caminho, entregar-se às “tecnologias” neoliberais do eu.

A orientação neoliberal empresarial – na qual a empresa se constitui no mercado financeiro como oportunidade de investimento – é marcada por uma estreita orientação para resultados, tanto relacionada à avaliação do desempenho dos funcionários, quanto ao aumento de sua autonomia e responsabilidade (SCHMIDT-WELLENBURG, 2009, p. 330). Os trabalhadores tornam-se responsáveis, pelos empreendimentos feitos em si, como capital, por meio do constante processo de aperfeiçoamento e disciplinamento de si mesmo, portanto, se tornam empreendedores de si mesmo (ibidem, p. 331). Tanto executivos, em seu novo papel ativo de Coach, quanto os trabalhadores estão diante deste imperativo, permanentemente frente tribunal do mercado, responsáveis pelo seu próprio destino (ibidem).

Até que ponto os elementos neoliberais deste discurso, como a imperativa de constante aperfeiçoamento e investimento em si mesmo, ou a comercialização do capital investido,

⁷ No original alemão „unternehmerisches Selbst“, termo introduzido por Ulrich Bröckling em sua publicação no ano de 2007, a qual leva este termo como título.

⁸ Ponto de fuga para quem não conhece consiste em um sistema de projeção cônica, no qual as projeções de duas ou mais retas paralelas, em um dado momento e espaço para o observador, apresentam-se no plano de visão, convergidas para um único ponto. Em inglês o ponto de fuga é conhecido como *vanishing point*. No sentido abstrato, a expressão ponto de fuga simboliza que todos os caminhos levam para uma mesma direção. Sendo assim, o “empreendedor de si mesmo” não tem muitas alternativas a não ser viver de acordo com os imperativos das “tecnologias do próprio eu”.

⁹ Como tecnologias neoliberais de si, ou do próprio eu, são considerados por Ulrich Bröckling os novos princípios neoliberais que conduzem ao tratamento de si não somente como um capital, mas uma mercadoria, a qual necessita ser diante a concorrência cada vez mais aprimorada e comercializada.

como indícios do acorrentamento aos princípios mercadológicos, se encontram presentes no padrão coletivo de interpretação de executivos e empresários brasileiros, trata-se da pergunta central deste trabalho. Em outras palavras, nos propomos a investigar de forma empírica a existência de um ethos capitalista neoliberal presente na conduta de vida da elite econômica brasileira.

A análise da orientação da ação do grupo estudado será realizada através da utilização do método qualitativo de pesquisa social: Análise do padrão coletivo de interpretação social. Para este fim, a análise se foca em passagens de textos de entrevistas realizadas com duas gerações executivos brasileiros, nas quais são tratados temas relacionados à ética e orientação para o trabalho e desempenho, relacionados em diferentes esferas da vida, como trabalho, carreira, escolarização, esporte e etc. Para o desenvolvimento da pesquisa tomamos como ponto de partida o programa heurístico de pesquisa de Max Weber a respeito do desenvolvimento do capitalismo moderno racional (POHLMANN, 2006a; POHLMANN, 2008; POHLMANN, 2011; POHLMANN, 2012; WEBER, 1920). No entanto deixamos de lado a teoria de Weber como construto explicativo e nos aproximamos da perspectiva teórica de Alfred Schütz, Peter Berger e Thomas Luckman, para reconstruir a estrutura de significado deste grupo atribuída ao contexto capitalista e conduta de vida, assim como os principais elementos do conhecimento social adquirido e as normas institucionalizadas, as quais orientam a ação dos mesmos. Tanto o design da pesquisa, baseada no programa investigativo de Max Weber, quanto à teoria de plano de fundo que sustenta o método analítico serão apresentados no próximo item.

4 Teoria e método

Max Weber investigou o processo histórico no qual o capitalismo moderno se tornou independente, de forma a reproduzir autonomamente os valores e normas que necessita por meio de três mecanismos: concorrência e seleção dos portadores de seu espírito, difusão de conceitos e ideias e socialização dos atores (portadores da ética protestante) e internalização de sua racionalidade (POHLMANN, 2006b; POHLMANN, 2008; POHLMANN, 2011; POHLMANN, 2012; WEBER, 1920). Max Weber afirma que os elementos do espírito capitalista, uma vez tornados independentes, podem ser observados em várias dimensões: economia, organizações e conduta de vida. No âmbito da conduta de vida, dimensão que será investigada neste artigo, o espírito capitalista se manifestaria na forma do trabalho racional e metódico, no trabalho como um dever moral, ou ainda na forma de acúmulo de riqueza e ascese. Neste sentido levantamos as

seguintes questões empíricas: Até que ponto podemos observar transformações significativas na orientação da ação de executivos e empresários brasileiros, resultantes do processo de globalização e avanço do capitalismo financeiro neoliberal? Caso sejam observadas transformações significativas, haveria uma consequente atualização destes elementos de uma conduta de vida metódica e ascética, voltada para o trabalho como dever, se aproximando do tipo ideal weberiano “Homem Profissão”? Elas reproduzem elementos simbólicos de uma conduta de vida pautada em princípios mercadológicos, como pulsão imperativa e compulsiva de investimento e reinvestimento seguida de comercialização de si mesmo?

Para a investigação da orientação da ação deixaremos Max Weber e seguiremos o construto teórico de Alfred Schütz em uma ampliação da teoria weberiana numa corrente da sociologia do conhecimento. Para Alfred Schütz, no trabalho de Max Weber ficaram ponderações em aberto sobre a forma como se constitui a motivação para a ação (ENDREß, RENN, SCHUTZ, 2004, p. 28). Para ele não se trata da reconstrução de um sentido individual dado à ação, mas sim de estruturas de significado disponíveis em um contexto de ação específico, as quais estruturam a construção do sentido individual da realidade, uma vez que estas ganham reconhecimento coletivo, legitimando o motivo da ação. Dessa forma o repertório de conhecimento individual (nas palavras de Schütz, o estoque de conhecimento) e com isso suas estruturas que atribuem relevância as justificações da ação, embora sejam construídas através da experiência individual subjetiva, contêm uma parte social inerente, marcada pelo conhecimento adquirido e guardado no meio social, cultural e ambiente histórico (SCHÜTZ, LUCKMANN, 1975: 251). Isto permite, ao sujeito da ação, classificar de forma rotineira as situações sociais, tornando o processo mais fácil, na medida em que o alivia de constantes procedimentos e mecanismos interpretativos individuais. Sendo assim, o sujeito, diante de uma situação concreta, pode recorrer, a um aparato de significados e regras relevantes, existente na sociedade, estando a ele disponível através do processo socializante.

A utilização de novos padrões de interpretação e julgamento pressupõe, portanto, a institucionalização de novas estruturas de significados e valores em um grupo ou sociedade no estoque coletivo de conhecimento social. Novos valores e conhecimentos sociais somente passam a ser integrados ao estoque de conhecimento coletivo, quando os padrões/modelos de ação existentes não conseguem dar conta simbolicamente da

resolução de determinados problemas de ação¹⁰. Em outras palavras, a institucionalização de novos conhecimentos sociais sucede o reconhecimento e assimilação coletiva dos novos padrões de interpretação e de ação. A institucionalização de novos conhecimentos cognitivos e normativos ocorre, portanto, quando estes passam a não ser mais questionados por uma grande número de pessoas, tornando-se naturais para determinado grupo e continuamente utilizados (BERGER, LUCKMANN, 2007; KELLER, 2011). A institucionalização se efetiva quando uma ação que já se tornou um hábito torna-se recíproca por de seus agentes sociais. Com base na tipificação e habitualização da ação, são formados os estoques de conhecimento social. Estes se apresentam como realidade objetiva e disponibilizam, desta forma, modelos e padrões de como interpretar uma determinada situação e de como agir diante dela (POHLMANN, BÄR, VALARINI, 2014; KELLER, 2011).

Padrões interpretativos são, portanto, formas de organizar significados e conhecimentos socialmente aceitos em uma certa cultura ou grupo social (ARNOLD, 1991; ULLRICH, 1999). Eles ajudam com isso, o indivíduo a classificar padrões elementares de conhecimento social e assim garantir a orientação de ação dentro de tais modelos (ARNOLD, 1991). Eles servem para a plausibilidade e simplificação de fatos complexos (ULLRICH, 1999) e são no cotidiano em relação à execução da ação limitadamente disponíveis para a reflexão (MEUSER, SACKMANN, 1992; OEVERMANN, 2001; SACHWEH, 2009). Eles mostram o significado subjetivo capturado de estruturas de relevância e contêm referência histórico-social (ARNOLD, 1991). Além disso, são não obstante, funcionais, referindo-se à problemas objetivos de ação (OEVERMANN, 2001; SACHWEH, 2009).

A reconstrução do padrão interpretativo social coletivo só é possível de forma indireta e através da análise de conteúdos de significados e interpretação dos motivos que justificam determinada ação (ULLRICH, 1999). Isso exige a utilização de um método que possibilite a geração de significados formada por justificações e interpretações da ação relacionada a um problema concreto de ação (ULLRICH, 1999). No âmbito deste

¹⁰ Um exemplo disso, seriam justificativas para uma determinada ação, ou mesmo a ação em si não mais aceitáveis em um determinado grupo social, mas que outrora fora reconhecida como uma forma adequada de solução ou regra de ação diante de uma determinada situação. Um exemplo disso seria a educação dos filhos atualmente em comparação com algumas décadas atrás. A correção através da palpatória, o que é menosprezada nas teorias educacionais e pedagógicas atuais, assim como, por educadores diretos e indiretos, era tido como forma de disciplinar e educar para a vida em um outro contexto histórico.

trabalho foram realizadas entrevistas centradas no problema¹¹ (KRUSE, 2015), com grande parte de conteúdo narrativo com executivos e empresários industriais brasileiros, as quais incitaram à geração de justificativas de ação.

5 Resultados empíricos: Um novo espírito neoliberal na conduta de vida dos indivíduos “portadores” do capitalismo brasileiro?

A análise a respeito do estabelecimento de um novo espírito capitalista neoliberal na conduta de vida da elite econômica brasileira traz como resultado a existência de dois padrões dominantes de interpretação social. Assim os padrões coletivos de interpretação aqui analisados, aparecem, em via de regra, articulados diretamente ou indiretamente a temas relacionados à carreira. Eles articulam, portanto, estruturas de significados diante do seguinte problema objetivo de ação: Como conduzir a vida pessoal e profissional diante da profissão e posição de executivo? As explicações dos executivos trazem em regra geral, elementos cognitivos e normativos que justificam uma forte orientação para o trabalho e desempenho, articulados como características pessoais de distinção deste grupo. Ao mesmo tempo em que tais elementos definem o executivo em sua imagem pessoal e profissional, assim como em sua função social, eles justificam por outro lado, a ascensão social e, portanto a desigualdade social, revelando assim aspectos de distinção da elite em relação a outras camadas sociais.

5.1 Não há recompensa sem diligência

O primeiro padrão coletivo de interpretação social „*Não há recompensa sem diligência*“ é o modelo interpretativo encontrado com mais frequência entre os executivos investigados. Neste são atualizados elementos que atribuem valor e significado ao trabalho, como elemento intimamente ligado a uma atitude de vida, na qual, a disciplina e a perseverança consistem-se inclinações individuais internas. Disciplina e perseverança justificam, portanto, não somente o sucesso na trajetória profissional, mas também são critérios fundamentais para o sucesso em todas as dimensões da vida. Alto desempenho isolado não justifica alcançar altas posições econômicas e sociais, mas sim se este elemento estiver vinculado a uma atitude voltada para o trabalho disciplinado e metódico.

¹¹ A amostra é composta por 32 entrevistas com duas gerações diferentes de executivos e empresários industriais brasileiros. A amostra foi formada a partir da população estudada, a qual é correspondente as cem maiores empresas do setor industrial, escolhidas com base no valor de seu faturamento anual. A escolha dos 32 entrevistados baseou-se no método *proportional quota sampling*. Sobre o método e análise sistemática do padrão coletivo de interpretação social (Pohlmann, Bär, Valarini (2014) e a respeito da composição da amostra (Valarini, Elias, Pohlmann 2015).

[...] quando eu realmente me pergunto: „Poxa, mas como foi esta trajetória dentro da organização?” Como você me perguntou agora. Eu diria para você: “Trabalho, trabalho e trabalho, entrega, resultados”. [...] então isso é muito forte e é o que tenho tentado passar para os meus filhos, porque eu acho que a questão formal, isso é parte do mundo, não tem como você escapar. Eles estão estudando, vão fazer a faculdade, vão fazer línguas e não sei mais o que. Mas eu quero passar um pouquinho dessa visão do trabalho, e não só isso, mas dessa perseverança, dessa determinação, que eu acho que é o que meu pai me transmitiu, é isso que ele me passou e que de certa forma me ajudou e tem me ajudado na vida. Nós estávamos falando de trabalho, mas vamos olhar as outras dimensões da vida. Eu acho que dentro daquilo que eu me propus e nas áreas que eu me propus, mesmo em alguns casos começando tarde, tudo o que eu me propus, eu consegui. E aí você vai dizer: “Mas como e o que te levou a isso?” Foi justamente o ensinamento do pai, essa perseverança, essa determinação e o trabalho (Diretor Executivo brasileiro de uma indústria multinacional instalada no Brasil).

“Meu pai teve uma vida muito difícil, meu pai e minha mãe trabalhavam muito. Então o exemplo doméstico, era e foi sempre um exemplo de muita perseverança e de muito trabalho. [...] Eu me lembro, meu pai saindo de casa às quatro horas da manhã, porque ele tinha que estar em XY às seis da manhã para começar a trabalhar. Então é uma vida de uma tradição muito forte, quer dizer de valorização da ética do trabalho. Então tanto eu como todos meus irmãos, herdamos muito essa ética de trabalho. Todos estudaram e todos se formaram na Universidade, mas todos sempre tinham muito do trabalho, eram muito afeitos ao trabalho. Não existia preguiça, essa é uma palavra que eu não conheço, não conheço até hoje, felizmente. E na minha casa, esse é um conceito que não existia” (Presidente e Diretor Executivo brasileiro de uma indústria nacional).

Os elementos centrais cognitivos, utilizados para dar significado à realização na vida pessoal e profissional, articulam uma forte inclinação para o trabalho. O trabalho por sua vez não é apresentado como uma atividade concreta profissional específica, mas como uma atitude para a vida. Três categorias de significado podem ser reconstruídas através dos trechos acima transcritos, retirados das entrevistas. A primeira estrutura de significado atualiza que a (1) *propensão para o trabalho* é de forma geral, responsável pela realização e sucesso. Não se trata da formação profissional em si, mas do investimento pessoal no trabalho, sem questioná-lo. O grau de dedicação justifica neste caso, o status ou reconhecimento social e profissional alcançado, mas além disso, o progresso na vida. A propensão para o trabalho é articulada como virtude interna, consistindo-se em uma característica pessoal adquirida, e tendo a função de dinamizar a vida. A segunda estrutura de significado cognitiva, atualizada neste padrão interpretativo, aborda a (2) *orientação para o trabalho como uma força impulsionadora para a vida*. Disciplina e perseverança aparecem como diretrizes na forma de conduzir a vida pessoal e profissional. Ambos os elementos têm o papel de fontes internas de motivação, as quais impulsionam os indivíduos a buscar objetivos e, assim darem tudo de si com o objetivo de alcançá-los. Sendo assim, critérios externos ao indivíduo, que descrevem o sucesso, bem como riqueza, bens materiais, posição, formação, etc., não são os motivadores para o trabalho. Ao contrário disso, eles são considerados como

produtos de uma atitude orientada para o trabalho. Relacionada a força motriz: Trabalho, pode ser reconstruído, no âmbito deste padrão interpretativo, como uma terceira categoria cognitiva de significado, a qual atualiza a inclinação pessoal para o trabalho como fruto de (3) uma *tradição familiar*. Mesmo a ética do trabalho, poderá assim ser compreendida como uma característica inerente ao executivo, está é construída primeiramente no seio familiar ou no núcleo social próximo do indivíduo. Através do processo de socialização, a orientação para o trabalho, é atribuída neste contexto de significados na forma de perseverança, determinação e disciplina e assim passa a ser internalizada na vida do executivo.

Além dos elementos cognitivos de conhecimento, utilizados pelos executivos brasileiros para interpretar e justificar situações relacionadas a condução de sua vida pessoal e profissional na sociedade moderna, também pode ser reconstruída uma estrutura normativa, que constitui este padrão interpretativo, a qual atribui um caráter avaliativo à ação. Com isso identificou-se que uma forte orientação para o trabalho, reconstruída neste modelo de conduta, não tem apenas um caráter interpretativo, mas vem revestido de um valor maior reconhecido como a “única forma existente de realização pessoal”. A inclinação para o trabalho disciplinado é apresentada como um elemento imprescindível na vida do executivo brasileiro, em que o trabalho é colocado acima de todas as dimensões da vida, na posição de elemento chave para a realização em qualquer destas situações.

A análise da estrutura cognitiva e normativa deste padrão interpretativo nos permite reconstruir regras de significado (interpretativas de uma determinada situação) e regras de ação.

1. Regra de Interpretação:	Realização e sucesso somente são alcançados através de uma atitude de vida orientada para trabalho disciplinado e metódico.
2. Regra de Interpretação:	Sucesso, posição social e riqueza são somente frutos de uma conduta de vida orientada para o trabalho, mas não consistem em motivação para o trabalho.
1. Regra de Ação:	Direcione seu foco e atitude de vida para o trabalho, pois é ele que o conduzirá para o sucesso e realizações pessoais e profissionais.

Uma breve contextualização sobre a trajetória profissional e origem étnica dos executivos, os quais atualizam este padrão interpretativo, mostra que 86% pertencem a uma geração nascida na década de 1940. A grande maioria deles é formada em

engenharia em universidades brasileiras e fizeram sua carreira basicamente dentro de uma única corporação. Com relação a sua origem étnica, aprox. 60% deste grupo tem descendência europeia, ou seja, seus avós, ou até mesmo seus pais, migraram¹² para o Brasil no início da década de 1890. Com relação à posição social de seus pais, apenas 28% dos executivos e empresários deste grupo provêm de famílias de alto padrão social, cujos pais foram altos executivos, diretores e empresários de grandes empresas. A maioria representante deste padrão interpretativo (44%) é formada por executivos, cujos pais tinham uma posição como pequenos proprietários, empresários de pequenas empresas ou profissionais autônomos. Os 28% restantes podem ser divididos em dois grupos: 14% deles formados por trabalhadores e operários, desconstituídos de qualificação formal e os demais 14%, formados por pequenos agricultores. Com isso podemos concluir que a maioria dos executivos, presidentes e empresários industriais, que têm o padrão interpretativo, *“Não há recompensa sem diligência”* como orientação de suas ações, relacionadas a forma de conduzir a própria vida, têm como origem social, famílias de classe média. Com relação ao setor de atividade econômica, os dados das entrevistas evidenciam uma forma de reprodução social, ou seja, um recrutamento econômico setorial. Com isso enquanto 71% dos pais dos executivos e empresários entrevistados atuavam na indústria, apenas 29% destes estavam presentes no setor de serviços. Outro aspecto interessante ressaltado por estes executivos e empresários industriais brasileiros está no fato de que a grande maioria dos entrevistados iniciou sua vida profissional muito antes de sua formação acadêmica. O motivo para trabalhar desde muito cedo não tem uma relação dependente com a condição financeira familiar, para muitos o desejo de “ser independente”, “se manter sozinho” ou ainda “andar com suas próprias pernas” eram motivos mais que suficientes para se começarem a trabalhar.

5.2 Diga-me com quem andas que te direi quem és

No segundo padrão coletivo de interpretação dominante reconstruído, tendo por base os executivos brasileiros (foi menos frequente que o primeiro), a prontidão individual para o desempenho é colocada em primeiro plano. Esta é apresentada como uma capacidade individual, como um talento intrínseco do próprio executivo, servindo socialmente como um critério de diferenciação social, principalmente o que diferencia a elite da população em massa. Este aspecto se difere significativamente do padrão interpretativo *“Não há*

¹² A grande maioria dos executivos são descendentes de alemães e italianos. Dentre estes, encontra-se nenhum descendente de português ou espanhol, povos ibéricos.

recompensa sem diligência”, em que o trabalho é tido como uma atitude para a vida e considerado, portanto a fonte motivadora de realização e sucesso. Os critérios que definem “um bom” ou “um mau” desempenho são estabelecidos socialmente e passam a orientar a ação dos agentes econômicos e sociais na direção do que “deve ser alcançado” e de que forma “o desempenho” será atingido, ou seja, a sua legitimação social.

“Então eu fui para Michigan, depois para Harvard. Eu tinha isso na cabeça, que eu queria estudar lá. Então eu era focado, mesmo quando eu fui fazer meu doutorado, a empresa tentou me dissuadir de toda maneira, para eu estudar em MM (uma cidade localizada próxima da empresa), para eu fazer meu doutorado em MM. E que aí eu podia ficar trabalhando com eles e fazendo o doutorado, sei lá à noite, ou no fim-de-semana, e aí eles até ligaram para um diretor da faculdade..., mas eu não queria, eu queria, eu tinha sido admitido em Harvard e era a melhor faculdade que existia naquela época. Então eu disse: “Não, eu vou fazer o que eu quero, eu vou seguir meu sonho e meu sonho é esse”. [...] Mas para mim naquela época era muito importante estudar nos Estados Unidos, porque naquela época os Estados Unidos e as escolas americanas eram as melhores. E eu queria o melhor. Eu era muito focado, eu era sempre muito determinado. Quando eu quis fazer a faculdade teve que ser a Fundação Getúlio Vargas, e eu nem prestei vestibular para outras faculdades” (CEO brasileiro de uma indústria multinacional instalada no Brasil).

“Tanto é que quando eu tinha quatorze anos de idade, meu pai me propôs e eu fui para São Paulo, com quatorze anos fui morar sozinho. [...] Porque ele queria que eu fizesse um colégio de ponta em São Paulo, aí eu fiz o XYZ, que não sei se você sabe é um dos mais difíceis de São Paulo, se não for o mais difícil. Tanto é que só Japonês, Coreano e uns malucos do interior que aparecem lá para estudar ((risadas)), portanto pessoas que precisam mostrar um alto desempenho. Depois eu fiz a Fundação Getúlio Vargas, que também é tida há anos como a melhor escola de Business do Brasil né. Depois fiz a Fundação no Rio de Janeiro. Então eu diria aqui, isto são os fundamentos” (Presidente brasileiro de uma indústria brasileira).

No âmbito da análise da estrutura cognitiva, deste modelo de conduta, foram identificadas três categorias abstratas de significado. O primeiro elemento de significado atualiza a (1) *função social da prontidão para o alto desempenho*. A prontidão e capacidade para desempenhar não somente legitima a posição alcançada na hierarquia social, mas também justifica as capacidades peculiares do executivo, necessárias para o exercício de sua profissão. Sendo assim, são as instituições como “o nome da escola ou universidade frequentada”, ou “o curso acadêmico escolhido”, que definem o executivo em sua capacidade de desempenho e performance, bem como definem “quem ele é”. Um segundo elemento de significado pode ser observado no âmbito deste padrão interpretativo. (2) *A prontidão para o desempenho consiste em um aspecto individual e intrínseco* do executivo, correspondendo dessa forma, a uma característica de sua personalidade. Mesmo que o contexto social e o conhecimento social ofereçam as diretrizes para a avaliação da alta performance e de quem é capaz de alcançá-la, o desempenho não é compreendido como um elemento externo ao indivíduo, mas sim,

como uma prontidão individual interna, a qual conduz o executivo a aceitar novos desafios. Sendo assim, o contexto social oferece “instruções” do que vem a ser reconhecido como alto desempenho, mas para alcançá-lo é necessário algo, que não pode ser adquirido externamente, ou seja, se necessita da prontidão interna. Com isso, o executivo é compreendido em relação a execução de suas atividades profissionais como detentor de qualidades e capacidades especiais, características reforçadas por ele mesmo na construção e apresentação da própria imagem. Desta forma, não existem obstáculos externos que impossibilitam ao sujeito alcançar seus objetivos, mas o fracasso é justificado como a falta de prontidão interna. O terceiro elemento cognitivo identificado, neste padrão interpretativo, diz respeito a (3) *função social do reconhecimento do alto desempenho*. Os critérios sociais estabelecidos de avaliação “do bom” ou “do mau” desempenho estão em relação direta com os valores e conhecimentos institucionalizados na sociedade ou grupo social. Sendo assim, pertencer a um grupo específico, estudar uma determinada universidade, ou frequentar certa escola, definem socialmente “quem você é”. Diante disto, é o processo de socialização vivido pelo sujeito que desempenha um papel importante, para que o desempenho seja reconhecido. O valor do desempenho e quais critérios o definem podem, dessa forma, variar de um grupo para outro e de uma sociedade para a outra.

A análise do padrão interpretativo atualiza também uma estrutura normativa institucionalizada no horizonte subjetivo dos empresários e executivos industriais brasileiros. O reconhecimento social da performance e do desempenho em todas as atividades da vida adquire um normativa central, neste modelo de conduta de vida. Os critérios sociais alcançados passam a definir o indivíduo em sua função social, posição, estilo de vida, tornado elementos articuladores da condução da vida do executivo. Sendo assim, não são as características pessoais que o definem como executivo, mas sim os critérios sociais externos alcançados ao longo de sua vida.

-
- | | |
|----------------------------|--|
| 1. Regra de Interpretação: | O alcance de posições sociais altas está diretamente relacionado à prontidão para o desempenho e à altos investimentos na profissão. |
| 2. Regra de Interpretação: | O alcance de posições altas na economia e sociedade está estreitamente ligado com a satisfação dos critérios colocados pela sociedade, os quais dão o sentido ao executivo, de qual direção ele deve seguir. |
| 1. Regra de Ação: | Trabalhe afincado em suas competências e mantenha o foco naquilo que se quer alcançar. |
-

Uma breve contextualização do grupo de executivos e empresários que atualizam este padrão coletivo de interpretação social nos mostra que todos os entrevistados são formados em administração de empresas, em universidades brasileiras. Sendo que 30% deles fizeram pós-graduação no exterior e todos eles trabalharam durante um período de sua trajetória profissional no exterior. A maioria dos executivos (66%) nasceu entre 1950 e 1970 e o restante (40%) nasceu na década de 1940. Com relação a sua origem social pode se verificar de forma geral, que os pais dos entrevistados tinham formação de nível acadêmico e tanto o pai, quanto a mãe, eram atuantes em suas profissões. Com relação às origens étnicas, somente 33% dos executivos são de famílias de imigrantes europeus. Com relação a posição profissional dos pais, pode ser verificado que 66% (principalmente dos pais dos executivos entrevistados), exerciam profissões reconhecidas socialmente, a exemplo de médicos, arquitetos, etc. O restante, 44%, eram profissionais autônomos ou proprietários de pequenas empresas. Com relação ao setor de atividade econômica os resultados evidenciam que 67% dos pais dos entrevistados exerciam atividades no setor de serviços e apenas 33%, no setor industrial.

Tabela 1: Síntese dos principais elementos encontrados nos dois padrões coletivos de interpretação social relacionados à conduta de vida

<i>Orientação para o trabalho e desempenho</i>	<i>Tipo ideal neoliberal</i>	<i>Sem esforço não há recompensa</i>	<i>Diga-me com quem andas que te direi quem és</i>
Manifestação	Aperfeiçoamento, Renovação e comercialização dos recursos próprios.	Trabalho como meio e fim. A orientação para o trabalho justifica a realização e sucesso e todas as dimensões da vida.	Realização e sucesso como sinônimo de alto desempenho constante. A disposição para o desempenho é definida por critérios externos, impostos pela sociedade.
Fonte de motivação	Interiorização de princípios mercadológicos.	Fonte de motivação interna ao sujeito da ação: disciplina e determinação.	Fonte de motivação externa ao sujeito da ação: cumprimento de critérios sociais.
Função	Individualização, Promessa de sucesso através da constante investimento em capital humano.	Servir de justificativas para o sucesso profissional e para a ascensão social.	Servir de justificativas para alto status e posição social.
Origem étnica e social		60% descendentes de famílias imigrantes europeias 44% dos pais pertenciam a classe média.	33% descendentes de famílias imigrantes europeias 66% dos pais pertenciam à classe alta
Representatividade do modelo de conduta na amostragem em geral		Modelo de conduta dominante no sample.	Modelo de conduta menos representativa no sample.

Fonte: Dados e apresentação própria.

6 Homem Profissão ou empreendedor de si mesmo? A orientação da ação na conduta de vida dos executivos brasileiros em seu contexto histórico.

Ao contrário dos pressupostos a respeito do estabelecimento de um novo "espírito capitalista de cunho neoliberal", os resultados da análise do padrão interpretativo dos executivos brasileiros mostram claramente que o "espírito capitalista" relacionado à conduta de vida destes atores parece não ter sofrido mudanças no seu percurso, e sim seguidas de um desenvolvimento contínuo, reproduzindo elementos e valores, que representam a continuidade de um espírito capitalista "tradicional", no sentido utilizado por Max Weber. Em ambos os padrões interpretativos reconstruídos acima: "*Não há recompensa sem diligência*" e "*Diga-me com quem andas que te direi quem és*", não foram identificados como sendo elementos do conhecimento ou valores que atualizem a figura do empreendedor de si mesmo (FOUCAULT, 2008; BRÖCKLING, 2007), nem orientados por princípios mercadológicos internalizados pelos atores econômicos, diante da dominação do sistema neoliberal, principalmente na administração das empresas.

Os elementos que foram atualizados nestes padrões interpretativos foram aqueles ligados ao conhecimento, regras de interpretação e de ação que se baseiam em aspectos tradicionais da conduta de vida, correspondendo estes de maneira mais próxima aos elementos que compõem o tipo ideal Homem profissão »*Berufsmensch*« de Max Weber. Neste sentido, o trabalho ocupa, ainda, um lugar essencial na vida do executivo. Ele não apresenta somente o trabalho e a profissão como elementos da vida, mas se apresenta neste contexto como meta e objetivo da vida. O trabalho, e aqui em seu significado como vocação e profissão, define o executivo em seus papéis de indivíduo, pessoa, na condição de membro de uma família, oferecendo ao executivo através disso, a sua própria identidade.

Esforço, dificuldades e problemas estão relacionados com a condução da carreira, com a profissão em si e menos com o seu papel como executivo. Ao contrário disso, são expressos em relação à orientação para o trabalho e ao alto desempenho, sendo estas características especiais do executivo, as quais definem o trabalho e a vocação para o trabalho como uma fonte interna de motivação para a vida: somente aqueles que estão dispostos ao alto desempenho terão sucesso na profissão e na vida em geral. A orientação interna para o trabalho e a prontidão para o desempenho, se manifestam, ainda, em uma fase inicial da vida do executivo e são compreendidos como resultados do processo de socialização, vivido pelo mesmo. Eles justificam a posição econômica e social do executivo, assim como funcionam como critérios essenciais para a ascensão social e profissional. Estando o trabalho em primeiro plano desempenham as outras esferas da vida, um papel periférico na conduta de vida do executivo.

A forma do conhecimento atualizada nestes dois padrões interpretativos remetem à uma conduta de vida disciplinada e orientada para o trabalho, na qual o desenvolvimento e realização próprios se dão através da vocação para o trabalho.

A racionalização da conduta de vida marcada através do espírito capitalista, traduzido como uma concepção ascética de profissão significa para Weber “uma despedida renunciada de um tipo de homem »*Menschentum*« de uma época plena e boa, a qual no curso do nosso desenvolvimento cultural tão pouco se repete (...)”¹³ (Weber-RS Bd. 1 1920, p. 203). “O Evitar todo tipo de dedicação à beleza do mundo ou à arte ou ao

¹³ Tradução própria. Citação original: „einen entsagenden Abschied von einer Zeit vollen und schönen Menschentums, welche im Verlauf unserer Kulturentwicklung ebensowenig sich wiederholen wird (...)“ (Weber-RS Bd. 1 1920, p. 203).

próprio estado de espírito e sentimentos são as exigências, o disciplinamento e a metodologia da conduta de vida com um o objetivo claro, o homem profissional »*Berufsmensch*« o representante típico (...)” (Weber-WuG WEBER, 1922, p. 337).

Ao contrário da figura do “Homem Cordial” (Holanda, (1995) ou do “Mazombo” (Moog (1993), antíteses do tipo ideal de Max Weber “homem profissional”, e tipos ideais presentes na literatura sociológica brasileira, foram encontradas no estoque de conhecimento coletivo, atualizado pelos executivos brasileiros, na figura do homem profissional de Max Weber. Ao invés da atualização de elementos relacionados ao prazer, ao lucro ou ainda o cultivo de relacionamentos pessoais, os padrões de interpretação coletivo trazem à luz elementos que se referem à uma conduta de vida ascética e metódica, na qual o trabalho e a profissão são colocados tanto como o objetivo quanto como meta de vida. Os resultados da análise mostram ainda que este padrão interpretativo é especialmente foram atualizados pelos executivos entrevistados, que são descendentes de famílias imigrantes europeias. Segundo Faoro (2001) a substituição de um sistema patrimonialista e a degradação da econômica dominante – disposição política e social do sistema colonial – só entrou em vigor mais tarde com a constituição do Brasil como Estado independente. Nesse contexto, emerge a figura do imigrante europeu na história do capitalismo brasileiro (FAORO, 2001), que através de sua atitude e sua ética do trabalho trouxe um contraste significativo com a aristocracia burguesa existente. (OLIVEIRA 2010).

A figura do imigrante europeu presente na história da industrialização brasileira, para alguns autores, teve grande influência no processo de transição de um sistema econômico colonial para um sistema capitalista industrial, tanto através de suas atividades manufatureiras quanto pequenas e grandes atividades industriais. (vgl. BRESSER-PEREIRA, 1964; DEAN, 1971; FERNANDES, 1987; Oliveira 2010; u.a. BARBOSA, 2013). Além disso, o imigrante teve posteriormente um papel importante para o processo de industrialização e desenvolvimento econômico brasileiro, tanto de uma perspectiva social, quanto econômica.

O breve panorama histórico tem como objetivo primordial mostrar, que, mesmo que a antítese do Homem Profissão seja discutido na literatura brasileira como tipo ideal – parcialmente colocado como responsável por um desenvolvimento capitalista tardio – é o tipo ideal weberiano do Homem Profissão que ainda é o reconstruído na análise do padrão coletivo de interpretação social, portanto é este modelo de conduta, que esta

presente no horizonte subjetivo dos executivos e empresários brasileiros, e é ele que serve de orientação para ação dos mesmos. A observação da origem étnica dos executivos entrevistados mostra interessantemente, que a maioria dos executivos e empresários, que atualizam elementos correspondentes à figura do homem profissão, são descendentes de famílias imigrantes europeias, de origem alemã e não portuguesa. Tais resultados revelam interessantes aspectos a serem explorados em pesquisas futuras, as quais certamente contribuirão de forma relevante para reflexões capitalistas atuais no contexto brasileiro, a partir de uma perspectiva histórico-religiosa de seu desenvolvimento.

Os resultados deste estudo mostram ainda que a ação dos executivos industriais brasileiros voltadas para a conduta de vida, não parece ter orientação em elementos mercadológicos, pertencentes a uma lógica neoliberal, uma vez que no estoque de conhecimento social coletivo deste grupo não puderam ser encontrados elementos vinculados a um constante aperfeiçoamento e mercantilização de si mesmo, nem tanto relacionados à figura do empreendedor de si mesmo.

7 Conclusão

A questão inicial levantada neste trabalho a respeito da existência de um “novo espírito do capitalismo neoliberal” orientador da conduta de vida dos atores econômicos e sociais, foi explorada através da reconstrução do padrão coletivo de interpretação dos empresários e executivos industriais brasileiros. Os resultados mostraram que as regras de interpretação e de ação institucionalizadas no estoque de conhecimento social coletivo atualizam elementos capitalistas clássicos, oferecendo estes modelos e regras de interpretação e ação diante de questões ou problemas relacionados à conduta da vida. Os elementos que apontam primeiramente a questão do trabalho como dever. O trabalho tem um significado além das atividades e processos diários, ele é compreendido como uma disposição individual interna, a qual corresponde a uma espécie de força motriz. Somente através de uma atitude para a vida específica, ou seja, orientada para o

trabalho disciplinado e metódico, é que se pode alcançar realização e sucesso. Sendo assim, realização e sucesso, e conseqüentemente a posição social, são frutos do trabalho assíduo. Com isso, a resposta para a pergunta: “Como conduzir da melhor forma possível à vida pessoal e profissional na sociedade neoliberal?” Seria: “Orientação para o trabalho, pois é isso que conduz à realização e ao sucesso na vida”. O modelo de conduta atualizado pela elite industrial brasileira tão pouco atualizam elementos de cognitivos e normativos, indicadores de princípios mercadológicos, quanto princípios encontrados na figura do Homem Cordial, ou do Mazombo, as quais corresponderiam ao tipo ideal brasileiro. Reconstruídos são, portanto, elementos correspondentes da figura do tipo ideal tratado por Max Weber como representante da ética protestante: o Homem Profissão.

Por último podemos através dos resultados desta pesquisa concluir que, como aponta Max Weber, o capitalismo reproduz a racionalidade que ele necessita por meio da seleção dos portadores de seu espírito, ou seja, através do recrutamento de seus iguais. Estando em concorrência no contexto brasileiros diferentes “espíritos”: Homem Cordial, Homem Profissão, Empreendedor de si mesmo, foram selecionados, pela lógica capitalista moderna racional, o grupo que mais corresponde à sua racionalidade. Neste caso, o empreendedor – em grande parte descendente de europeus – tendo como representante o “Homem Profissão” que porta e carrega consigo a ética do trabalho correspondente à lógica de conduta de vida do capitalismo moderno.

8 Referências

ARNOLD, Rolf. Deutungsmuster: Zu den Bedeutungselementen sowie den theoretischen und methodologischen Bezügen eines Begriffs. In: TIETGENS, H. (Org.). **Didaktische Dimensionen der Erwachsenenbildung**, Frankfurt/Main: Pädagogische Arbeitsstelle, Deutscher Volkshochschul-Verbandes, 1991. 175 p. (Studienbibliothek für Erwachsenenbildung, Bd. 2), p. 54–77.

BARBOSA, Agnaldo. Revisando a literatura sobre o empresariado industrial brasileiro: dilemas e controvérsias. **Caderno CRH**, n. 26, p. 391–406, 2013.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Die gesellschaftliche Konstruktion der Wirklichkeit: Eine Theorie der Wissenssoziologie**. 21. ed. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch-Verl., 2007. XIX, 217 S. (Fischer-Taschenbücher, 6623 : Forum Wissenschaft, Gesellschaften).

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. Origens étnicas e sociais do empresário paulista. **Revista de Administração de Empresas (R.A.E)**, n. 11, p. 83–106, 1964.

BRÖCKLING, Ulrich (Ed.). **Michel Foucault: Kritik des Regierens: Schriften zur Politik**. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2010.

BRÖCKLING, Ulrich. **Das unternehmerische Selbst: Soziologie einer Subjektivierungsform**. 1. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007. 327 p. (Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft, 1832).

BRÖCKLING, Ulrich. Diktat des Komparativs: Zur Anthropologie des „unternehmerischen Selbst“. In: BRÖCKLING, U.; HORN, E. (Org.). **Anthropologie der Arbeit**, Tübingen: Narr, 2002. 279 p. (Literatur und Anthropologie, Bd. 15).

BRÖCKLING, Ulrich. Vermarktlichung, Entgrenzung, Subjektivierung: Die Arbeit des unternehmerischen Selbst. In: LEONHARD, J.; STEINMETZ, W. (Org.). **Semantiken von Arbeit: Diachrone und vergleichende Perspektiven**. 1. ed., Köln: Böhlau Köln, 2016. 400 S (Industrielle Welt, 91), p. 371–392.

DEAN, Warren. **A Industrialização de São Paulo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

DEUTSCHMANN, Christoph. Anglo-amerikanischer *Consumerism* und die Diskussion über Lebensstile in Deutschland. In: BERGHAHN, V. R.; VITOLS, S. (Org.). **Gibt es einen**

deutschen Kapitalismus?: Tradition und globale Perspektiven der sozialen Marktwirtschaft: Campus Verlag, 2006, p. 154–167.

ENDREß, Martin; RENN, Joachim; SCHUTZ, Alfred. **Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt:** Eine Einleitung in die verstehende Soziologie // Eine Einleitung in die verstehende Soziologie. Konstanz: UVK-Verl.-Ges., 2004. 500 S. (Werkausgabe, 2).

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder:** Formação do Patronado Político Brasileiro. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica:** Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo (SP): M. Fontes, 2008. 474 p.

HOLANDA, SÉRGIO BUARQUE DE. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220 p.

KELLER, Reiner. **Wissenssoziologische Diskursanalyse:** Grundlegung eines Forschungsprogramms. 3. ed. Wiesbaden: VS Verl. für Sozialwiss., 2011. 360 S. (Interdisziplinäre Diskursforschung).

KRUSE, Jan. **Qualitative Interviewforschung:** Ein integrativer Ansatz. 2. ed. Weinheim und Basel: Juventa, 2015.

MEUSER, Michael; SACKMANN, Reinhold. Zur Einführung: Deutungsmusteransatz und empirische Wissenssoziologie. In: MEUSER, M.; SACKMANN, R. (Org.). **Analyse sozialer Deutungsmuster:** Beiträge zur empirischen Wissenssoziologie, Pfaffenweiler: Centaurus-Verlagsgesellschaft, 1992. 219 p. (Bremer soziologische Texte, Bd. 5).

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e pinoneiros.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1993.

OEVERMANN, Ulrich. Zur Analyse der Struktur von sozialen Deutungsmustern. **Sozialersinn**, v. 1, p. 3–33, 2001.

OLIVEIRA, GIULIANO CONTENTO DE; VAZQUEZ, Daniel Arias. Florestan Fernandes e o capitalismo dependente: elementos para a interpretação do Brasil. **Revista Oikos**, v. 9, n. 1, p. 137–160, 2010.

POHLMANN, Markus (Ed.). **Aspekte des Weber-Paradigmas : Festschrift für Wolfgang Schluchter.** Wiesbaden: VS, Verl. für Sozialwiss, 2006a.

POHLMANN, Markus. **Der Geist des Kapitalismus:** Anmerkungen zu einem Forschungskonzept. Heidelberg, 2011.

POHLMANN, Markus. **Der Kapitalismus in Ostasien:** Südkoreas und Taiwans Wege ins Zentrum der Weltwirtschaft. Münster: Westfälisches Dampfboot, 2002. 394 p.

POHLMANN, Markus. Die neue Kulturtheorie und der ""Geist des Kapitalismus: Max Weber and beyond. In: WAGNER, G.; HESSINGER, P. (Org.). **Ein neuer Geist des Kapitalismus?:** Paradoxien und Ambivalenzen der Netzwerkökonomie, Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften / GWV Fachverlage GmbH, 2008.

POHLMANN, Markus. Die neue Kulturtheorie und der Streit um Werte. **Soziologische Revue**, v. 28, n. 1, p. 3–14, 2005.

POHLMANN, Markus. **Manager und der "Geist" des Kapitalismus:** Grundlegung unserer Forschungsperspektive. Heidelberg, 2012.

POHLMANN, Markus. Weber, Sombart und die neuere Kapitalismustheorie. In: POHLMANN, M. (Org.). **Aspekte des Weber-Paradigmas : Festschrift für Wolfgang Schluchter**, Wiesbaden: VS, Verl. für Sozialwiss, 2006b, p. 169–192.

POHLMANN, Markus; BÄR, Stefan; VALARINI, Elizangela. The analysis of collective mindsets: Introducing a New Method of Institutional Analysis in Comparative Research. **Revista de Sociologia e Política**, v. 22, n. 52, p. 7–25, 2014.

SACHWEH, Patrick. **Deutungsmuster sozialer Ungleichheit:** Wahrnehmung und Legitimation gesellschaftlicher Privilegierung und Benachteiligung. Frankfurt und New York: Campus, 2009.

SANTOS, EURICO A. GONZÁLEZ CURSINO DOS. Magia e Cultura Colonial Brasileira: Reflexões Metodológicas no Espírito de Max Weber. **Ciências Sociais e Religião**, v. 1, n. 1, p. 11–26, 1999.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **Rationalismus der Weltbeherrschung:** Studien zu Max Weber. 1. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980. 318 p. (Suhrkamp-Taschenbuch Wissenschaft, 322).

SCHLUCHTER, Wolfgang. **Unversöhnte Moderne.** 1. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996. 325 p. (Suhrkamp-Taschenbuch Wissenschaft, 1228).

SCHMIDT-WELLENBURG, Christian. Die neoliberale Gouvernementalität des Unternehmens: Management und Managementberatung zu Beginn des 21. Jahrhunderts. **Zeitschrift für Soziologie**, v. 38, 4, August, p. 320–341, 2009.

SCHÜTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Strukturen der Lebenswelt.** Neuwied: H. Luchterhand, 1975. 331 p. (Soziologische Texte, Bd. 82).

SOUZA, Jessé. A Ética Protestante e a Ideologia do Atraso Brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, 1998.

SOUZA, Ricardo Luiz. As raízes e o futuro do "Homem Cordial" segundo Sérgio Buarque de Holanda (The roots and the "Cordial Man's" future according to Sérgio Buarque de Holanda). **Caderno CRH**, v. 20, n. 50, 2007.

STEINERT, Heinz. **Max Webers unwiderlegbare Fehlkonstruktionen: Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus**. 1. ed. Frankfurt am Main: Campus Verlag GmbH, 2010. 332 p. (Sozialwissenschaften 2010).

ULLRICH, Carsten G. Deutungsmusteranalyse und diskursives Interviews. **Zeitschrift für Soziologie**, v. 28, n. 6, p. 429–447, 1999.

VALARINI, Elizangela; ELIAS, Friederike; POHLMANN, Markus. O Espírito Capitalista Neoliberal na América Latina: O Papel da Orientação para o Mercado Financeiro nas Grandes Empresas Argentinas e Brasileiras. **Revista Plural**, v.22.2, 2015, p.37-80.

WEBER, Marianne. **Max Weber: Ein Lebensbild**. Tübingen: Mohr, 1926. 719 p.

WEBER, Max. **Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus**. Tübingen: Mohr, 1920. 573 p. (Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, Bd. 1).

WEBER, Max. **Grundriss der Sozialökonomik (III. Abteilung): Wirtschaft und Gesellschaft**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1922.